

1

**«Pela sexta hora, quando ao Deus Supremo
Brutalmente roubaram as modestas vestes;
Quando Ele aos mortais mostrou Sua ternura
Pregado em alta Cruz por tão impuras mãos;
Então tremeu a terra, e nesse pensamento
Treme, pecador, este meu coração».**

(Canto Fúnebre, IX)

Qual é o nosso problema? Por que é que nunca conseguimos desenvolver-nos sem conseguirmos vislumbrar o pormenor insignificante que nos tornaria viáveis? Por que é que ficamos sempre aquém do último passo?

Os assírios não conheciam a compaixão.

Os incas não conheciam a roda.

Os egípcios não conheciam a alavanca.

Os vikingues não conheciam o parafuso.

Os romanos não conheciam a manivela, e não conheciam a ferradura — e, sobretudo, não conheciam o zero.

De onde é que vem esta nossa limitação fundamental? Qual é o elemento redentor que está quase ao nosso alcance e poderia salvar-nos se nós pudéssemos vê-lo?

A altura dos repuxos de todas as fontes de Stanford tem vindo a ficar cada vez menor todos os anos.

Por que é que não chove?

Por que é que chove sempre de mais, quando por fim começa a chover?

Por que é que as nossas civilizações têm sempre de chegar ao fim? O que é, onde é que está a lei que nos confina, o que é que nós não sabemos?

O que é, Chuck?

Recuso-me a andar de bicicleta. É perfeitamente ridículo. Deixem-nas ir e vir e cruzar e virar como ondas desordenadas de um oceano inútil, ou como os insectos atarefados de uma colónia frenética. Escolham a metáfora. É-me indiferente. Ando a pé. Há doze anos que ando a pé pelo campus. 94305. Temos tanto terreno que até possuímos um código postal próprio. Deixem. Vou continuar a andar a pé. Estes milhões de bicicletas mais não são do que uma nova moda californiana inconsequente. Recuso-me a seguir as modas.

Hoje de manhã, quando passei pela fonte que fica diante da biblioteca, aquela que tem no meio a escultura absurda que pretende lembrar-nos as diferentes partes do corpo dos peixes, estavam lá de novo os rapazes do Mendecant, a cantar *a capella* dentro da água que lhes chegava acima dos joelhos. Talvez estejam a lançar um novo CD, ou isso. As coisas que as pessoas são capazes de fazer para chamarem a atenção dos outros. Depois passei pela fonte grande em frente ao Memorial Auditorium, e penso que foi isso que deu origem a todas aquelas reflexões acerca da altura da água que acabou por conduzir a mais uma destas minhas sequências de pensamentos profundos matinais.

A Lynette diz que eu estou sempre a fazer isto. Sempre a fazer perguntas. Sempre a reflectir sobre o porquê, o porquê, o porquê. Ela acha que eu ando sempre à procura de perguntas, mas está completamente enganada. Nunca lhe disse isto, apesar de ela já ser a minha mulher há quinze anos.

Do que eu ando sempre à procura é de respostas.

Gostaria de uma vez, pelo menos uma vez, encontrar uma resposta definitiva para uma pergunta.

Tirando isso, sou igual a toda a gente.

Penso que sou apenas mais um clone. As pessoas vulgares mal se diferenciam umas das outras. Somos todos iguais e temos todos os mesmos percursos. Acho que sou igual a milhares de outros homens que existem por aí, tal como a minha mulher é igual a milhares de outras mulheres que existem por aí, e que casámos um com o outro tal como poderíamos ter casado com milhares de outras pessoas que existem por aí e ninguém teria dado pela diferença.

Conhecemo-nos na universidade. Eu não sabia nada. Já devia ter quinze anos quando percebi finalmente que as mamas das mulheres têm lá dentro o leite que alimenta os bebés. No Kansas namorei com uma rapariga. No liceu. Ou melhor, ela namorou comigo. Houve uma noite em que estávamos dentro do camião do meu pai a assistir a um filme com o John Wayne, e então eu toquei-lhe nas mamas. Foi a coisa mais macia em que toquei em toda a minha vida. Não consegui ir mais longe, embora agora seja óbvio para mim, tal como penso que deve ter sido logo na altura, que ela queria que eu continuasse. Limitei-me a mover lentamente a minha mão através daquele sonho de suavidade, acariciando cada ínfimo pormenor quase sem acreditar no que estava a sentir. Fechei os olhos e parti para um lugar fora do alcance de qualquer palavra que o descrevesse. E permaneci nesse lugar até os Flying Tigers terem acabado as suas acrobacias. Foi a única epifania verdadeira que experimentei até hoje. Percebi logo que nunca nada voltaria a ser como dantes. Eu acabava de ser contaminado pelo efeito que as mulheres têm sobre os homens.

Mas continuava incapaz de ir mais longe.

Pouco tempo depois da minha epifania ela arranjou um emprego, e deixou a quinta, e desapareceu numa cidade qualquer.

Nessa altura as cidades, para mim, eram todas muito parecidas. Eram uns lugares assustadores que eu nunca tinha visto, onde as pessoas têm de fechar as portas à chave, e andar com cuidado na rua, e onde a toda a hora os outros violam o nosso espaço sagrado comprimindo-se contra nós nas carruagens do metro e nos bancos do autocarro. Os homens mais velhos da família aperceberam-se do meu desassossego e disseram umas frases críticas sobre procurar mulheres baratas. Eu sabia o suficiente para perceber de que é que eles estavam a falar. Mas também sabia que, pela minha parte, não existiam mulheres baratas. Mesmo que eu lhes pagasse, e mesmo que pagasse pouco. Enquanto trouxessem em si a suavidade inexplicável das mamas, as mesmas mamas que têm lá dentro o leite que dá de comer aos bebés, estava fora de questão eu poder considerá-las baratas.

Por isso não tinha para onde ir, e então fui para a universidade.

E como é mesmo verdade que a espécie humana tem um grande poder de adaptação, com o tempo acabei eu próprio por me orientar sozinho através de várias cidades.

Mesmo assim, continuava a sentir-me demasiado tímido para sonhar sequer em abordar uma mulher. Estava firmemente convencido de que nenhuma iria querer falar comigo. Acreditava que era perfeitamente invisível, e suspeitava que o meu problema estivesse de alguma forma relacionado com toda a luzerna que tive de armazenar no celeiro durante os dias de canícula do Verão desde os primeiros anos da minha juventude. E parti do princípio de que estigmas deste tipo não têm redenção porque são doenças sem cura.

Mas, uma noite, no início do meu último semestre, meti-me num carro com uns colegas e fomos a um bar que costumávamos frequentar e que também era frequentado por algumas raparigas.

Estava muito interessado na companheira de quarto da Lynette.

Por isso, bebi muita cerveja.

E acabei com a Lynette.

Alguém me sussurrou ao ouvido que a miúda sardenta era de Statten Island. Pareceu-me uma proveniência extremamente estimulante. Mesmo em frente ao porto Manhattan. Manhattan. Oh fascinante Torre de Babel, saída directamente daqueles quadros do Bosch que retratavam o Inferno e que eu costumava perscrutar até ao último dos detalhes nas nossas aulas de arte. A miúda sardenta sabia certamente tudo aquilo que eu nem sequer sabia que havia para saber.

Mas, depois, tive aquela sensação estranha de que ela poderia ser apenas mais um clone como eu. Pensei nisso quando reparei que os nossos olhares já se tinham cruzado duas vezes e, depois da segunda, ela entrou numa corrida desesperada para se embebedar. Tal como eu. A contra-relógio. Tudo ou nada. Nem sequer nos atreveríamos a falar um com o outro se estivéssemos sóbrios. Sim, ela era como eu. Também pensava que era invisível. Também tinha medo de que ninguém se apercebesse da sua existência. Vi-a beber para ganhar coragem enquanto eu fazia precisamente o mesmo. Conhecia a sua maneira de pensar, porque era igual à minha. Ela não queria ficar sozinha durante o resto da vida, e não era por ter medo da solidão. Era apenas porque queria ter uma vida normal. E, na vida normal, as pessoas casam-se, e têm filhos e, mais tarde compram uma casa, e pelo meio aturam delicadamente os sogros. Nem sequer consigo lembrar-me do que dissemos. Atirámo-nos um contra o outro no nosso pânico alcoólico. Agora ou nunca. Nunca mais encontraríamos outro clone que pudesse reconhecer-nos no canto de um bar.

Nessa noite dormi na cama dela. Limitei-me a beijá-la, e senti-me perfeitamente satisfeito. Foi altamente gratificante. Ainda não tinha explorado outras possibilidades. Além disso, os beijos não implicam quaisquer riscos. Tinham-me ensinado tão pouco que eu nem sequer conhecia a expressão